

---

# Necrológio

---

## Mário Ferreira Simões

\* 17 - 03 - 1914 - RJ † 20 - 03 - 1985 - PA

---

*Ondemar Dias*

Em 20 de março de 1985 faleceu, em Belém do Pará, Mário Ferreira Simões. Acabava de se aposentar, preparando-se para iniciar uma nova fase em sua intensa vida. Pretendia fixar residência em Brasília, onde pensava poder influenciar mais fortemente os rumos da arqueologia brasileira, especialmente em função do cargo que ocupava, de Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira, para o qual havia sido eleito em 1983.

Não chegou, no entanto, a gozar do merecido repouso, ainda que parcial, garantido pela sua aposentadoria. Como se numa pesquisa, Simões encerrou o trabalho, acomodou a equipe (pois passara seu cargo no Goeldi a um membro de seu próprio grupo), mas não chegou a ir para a casa descansar. Foi como se a vida lhe houvesse tirado este direito e lhe impusesse somente os pesos das tarefas e as responsabilidades das decisões. Se resta algum consolo neste fato, é aquele que Simões sempre será lembrado como um homem ativo, que nunca chegou a envelhecer.

Mário F. Simões nasceu no Rio de Janeiro, em 1914, onde fez seus estudos; os de Especialização, concluiu em Washington, em 1967/68. Optando, em sua mocidade, pela carreira militar, ingressou em 1932 na Aeronáutica, onde passou para a Reserva Rumunerada, no posto de Capitão Q.Av. em 1951. Nos últimos anos de sua carreira militar licenciou-se em Geografia e História pela então Universidade do Distrito Federal, em 1952. Na mesma ocasião aprofundava seus conhecimentos em cursos específicos no Conselho Nacional de Geografia e no Museu Nacional do Rio de Janeiro, instituição em que estagiou entre 1949 e 1953.

Conforme nos relatou em conversa pessoal, teve sua atenção e seus sentimentos despertados pelas comunidades indígenas que conhecera



quando dos vôos pelas rotas do Brasil central, interessando-se pelos problemas que enfrentavam deixando-se envolver pela beleza que elas lhe transmitiam.

Simões passou de uma profissão para outra, malgrado as inúmeras diferenças entre elas, sem saltos bruscos ou interrupções. Das Forças Armadas para a Antropologia e desta para a Arqueologia, suavemente, mas adquirindo as bases necessárias para o importantíssimo trabalho que desenvolveria nesta última.

Foi fundamental para formar a estrutura do conhecimento que depois utilizaria, sua passagem pelo então Serviço de Proteção aos Índios. Ali per-

maneceu entre 53 e o ano seguinte, quando se transferiu para o Museu do Índio, onde ficou até outubro de 61. Nesta fase trabalhou com diversas comunidades tribais: no alto Xingu (Kuikuro e Kamayurá — quando ainda no Museu Nacional, em 1952); com Karajás em 54; novamente com estes, mais os Javaé e Tapirapé em 59; com os Bakairi, no Mato Grosso, em 1960 e no Parque Nacional do Xingu, em 1963.

Em abril de 1962 ingressou na Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, que chefiou de 1963 a 1965. Durante dois anos (64/66) foi Diretor Substituto do Museu. Em 1968 foi promovido a Pesquisador-Chefe, organizando e chefiando a Seção de Arqueologia até o ano de 1976. Ali continuou após sua transformação em Divisão naquele ano. Permaneceu no cargo quando a Divisão se transformou em Departamento, em 1981, e aí até a sua aposentadoria, em 1985.

De 1968 até 1985, Simões fez de tudo para elevar a eficiência da sua Seção/Departamento. Ampliou e modernizou os laboratórios, depósitos e gabinetes; participou da atualização da área de exposições e dedicou-se, muito especialmente, à formação de uma equipe efetiva. Conseguiu para ela condições invejáveis no panorama da arqueologia brasileira, tanto no que diz respeito à remuneração pessoal, quanto às verbas disponíveis para a pesquisa de campo e publicações dos resultados. Nos últimos anos abriu vagas para os jovens saídos do curso de formação em Arqueologia da Faculdade Estácio de Sá. Hoje, o Museu Goeldi conta com uma eficiente e atuante equipe de arqueólogos, muitos dos quais com seus cursos de pós-graduação concluídos.

Outro setor ao qual Simões se dedicou intensamente foi o da editoração e publicação especializadas. Uma vista no seu "Curriculum Vitae" demonstra a amplidão e a riqueza de aspectos. Responsabilizando-se diretamente por uma série de Edições e participando em Comissões Editoriais, nunca deixou de escrever e publicar os seus próprios trabalhos. Em vida divulgou cerca de 31 títulos e deixou alguns em andamento e outros esboçados, ao falecer repentinamente. Foi, ainda, tradutor correto de obras científicas.

Suas atividades de divulgação não se restringiram às exposições e publicações do Goeldi e de outras instituições de pesquisa. Simões participou, de forma constante, das Reuniões Científicas, Seminários, Cursos e Congressos no Brasil e exterior, fazendo-se ouvir por platéias diferentes e de variados níveis. Atuou não somente como Diretor de cursos e orientador de pesquisas, para os profissionais de sua equipe, como ministrou outros cursos e proferiu palestras em diversos centros universitários de formação — foi um divulgador completo dos trabalhos de seu Museu.

Uma das mais importantes atividades científicas diz respeito à infra-estrutura dos trabalhos, considerando-se aqui o planejamento das pesquisas e a proteção do acervo arqueológico. Neste sentido, foi um feroz defensor da Amazônia legal brasileira, atuando de forma decidida contra todos os que, desprovidos da necessária experiência e capacitação, pretenderam atuar na região. Da mesma forma, organizou e trabalhou em projetos de salvamento, junto às grandes obras de engenharia, especialmente das hidrelétricas, para salvar a maior parte possível do acervo comprometido por elas. Conhecendo-se a vastidão da Amazônia, pode-se compreender o gigantismo da tarefa e calcular o peso da responsabilidade que Simões suportou. Se não é possível saber o quanto isto contribuiu para o encurtamento da sua existência, pode-se aquilatar o quanto é importante para aumentar o seu valor no quadro da Arqueologia do nosso país.

À medida que atuava nos seus Projetos de Pesquisa, e muito especialmente após haver encerrado sua participação no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, do qual foi o único representante da Amazônia, Simões imaginou e lutou, ao lado de Clifford Evans e Betty Meggers, pela realização de um Programa nos mesmos moldes, porém dedicado exclusivamente aos problemas de sua área específica. Daí resultou o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica, o PRONAPABA, do qual foi o Coordenador brasileiro.

Uma síntese dos principais objetivos foi por ele divulgada em 1977 (pub. n.º 21 do C.V.) mas, infelizmente, o grande volume de idéias novas que

resultaram de seus trabalhos, nos setores em que trabalhou, não poderá ser por ele divulgado. Graças, no entanto, à cautela, segurança e clareza empregadas na guarda e manutenção dos seus registros, poderão ser eles utilizados pelos seus sucessores e colegas, que darão vida à sua obra e tornarão concretas as suas hipóteses e idéias.

Mário Ferreira Simões é, sem dúvida, o mais importante pesquisador brasileiro da bacia amazônica e ainda se passarão muitos anos antes que qualquer outro apresente volume maior de realizações. Uma análise do seus trabalhos de campo, mesmo que superficial, comprova facilmente esta assertiva.

Em novembro de 1962, setembro e outubro de 1964 e 1965, Simões trabalhou em Marajó, num Projeto de Pesquisas deste mesmo nome e que resultou em dados de importância para a reavaliação do conhecimento da arqueologia pré-histórica local. Em 1966 dava início ao PRONAPÁ na região amazônica, pesquisando no alto Xingu. Sua viagem de estudo e especialização em arqueologia sul-americana no U.S. National Museum of Natural History, entre junho de 67 e março de 68, somente permitiu o prosseguimento das pesquisas de dezembro daquele ano a janeiro do ano seguinte, no Projeto "Rio Negro", em sua primeira fase. Em 1973 Simões apresentaria os resultados destas pesquisas na reunião final do PRONAPA, em Washington.

Ainda em 1968 ele iniciaria um projeto de fundamental importância, que denominou "Salgado", concentrado no litoral nordeste do Estado do Pará e que revelou uma série de horizontes de ocupação arqueológica, incluindo a descoberta daquela que é a mais antiga cerâmica já registrada no país — pertencente à Tradição Mina. Este projeto se alongou pelos anos de 1969, 70, 72 e 73.

Antes de dar início ao maior projeto em que se envolveria, o PRONAPABA, Simões desenvolveu alguns outros de menor duração e vulto. É o caso do "Projeto Silves", no baixo curso do rio Urubu e lago Silves, em 1970; o "Projeto São Luís e

Cajari", de outubro a dezembro de 1971, onde trabalhou nas estearias do lago Cajari, somente abordadas há décadas por Raimundo Lopes e nos sambaquis residuais da ilha de São Luís, no Maranhão. Entre setembro e novembro de 1974 pesquisou no baixo rio Negro, no "Projeto Rio Negro II" e efetuou salvamento de sítio no município de Bragança. Concomitantemente com o PRONAPABA, Simões trabalhou no projeto "Arqueologia Amazônica" (Trópico Úmido) entre novembro e dezembro de 1980, no médio rio Urubu e iniciou os trabalhos do "Projeto Carajás" em julho de 1983.

Bastariam as atividades desenvolvidas no PRONAPABA para assegurar ao seu coordenador brasileiro, Mário Simões, um lugar de destaque na arqueologia sul-americana. A pesquisa foi iniciada em 1976, no baixo curso do rio Tocantins, entre Marabá e Tucuruí (área 2 do Programa) e foi prosseguida no ano seguinte, com o salvamento de sítios localizados em pontos a serem atingidos pelo represamento do rio (represa de Tucuruí). Em 1978, mais uma vez o médio curso do rio Negro foi atingido, até a foz do rio Ararirrá (área 22). A mesma região, com trabalhos deslocados para o alto curso do mesmo rio (área 21), seria a última do PRONAPABA dirigida por ele, em fevereiro de 1983. Antes, em 1979, Simões trabalhara nos rios Uatumã, Jatapu e Urubu (área 5) e em 1981 no baixo rio Madeira, entre sua foz e o baixo curso do rio Manicoré (área 8 do PRONAPABA).

Ao se fazer uma síntese deste tipo, em que a simples menção dos títulos de cada projeto esconde a vastidão e o significado do trabalho desenvolvido e que simplifica em algumas linhas, uma vastíssima obra científica, torna-se necessário ressaltar que o volume de produção é tal, em cada projeto mencionado, que a concretização de um único deles — qualquer um deles — seria suficiente para tornar realizado qualquer arqueólogo como profissional.

Com o seu falecimento, a arqueologia brasileira ficou privada de um dos seus mais produtivos colaboradores. Exigente na cobrança,

profundo em seus conhecimentos, sem qualquer compromisso com a popularidade ou a fama e sempre eficiente nas suas atividades, fossem elas quais fossem, Mário Ferreira Simões era, antes de tudo, um companheiro fiel, um trabalhador assíduo de uma grande e unida equipe que agora,

desfalcada, perde muito com a sua ausência. Ficaram seu exemplo e sua obra, que permanecerão vivos enquanto houver alguém trabalhando na arqueologia da "sua" Amazônia.

Rio de Janeiro, agosto de 1985